



### **Zenith e a construção do espaço subjetivo em *Babbitt*, de Sinclair Lewis**

Zenith, o lexema escolhido para designar o espaço onde decorre a ação do romance *Babbitt*, convoca, desde logo, imagens de bem-estar e progresso que a focalização do narrador (heterodiegético) aparentemente corrobora: “THE towers of Zenith aspired above the morning mist [...] They were neither citadels nor churches, but frankly and beautifully office-buildings. The whistles rolled out in greeting a chorus cheerful as the April dawn; the song of labor in a city built it seemed for giants” (*Babbitt* 6).

Por contraste com a cidade, supostamente robusta e vibrante de energia, como se de um organismo vivo se tratasse, o protagonista, George F. Babbitt, não ostenta qualquer grandiosidade: “There was nothing of the giant in the aspect of the man who was beginning to awaken on the sleeping porch of a Dutch Colonial house in that residential district of Zenith known as Floral Heights” (6).

Na verdade, do ponto de vista físico, Babbitt assemelha-se a um bebé: “His large head was pink [...] His face was babyish in slumber” (6).

Inúmeras referências a uma fada-criança com quem Babbitt mantém, em sonhos, uma relação afetiva, corroboram a ideia de que o protagonista é uma personagem infantilizada. Considere-se ainda que o encontro com a fada-criança ocorre habitualmente num jardim ou outro espaço próximo da Natureza e que, para além deste aspeto, existe habitualmente uma alusão ao mar. Conjugados, estes espaços remetem para um (re) nascimento e este para o ventre materno, um estágio de dependência anterior ao (re) conhecimento da subjetividade. Babbitt é pois uma espécie de não-sujeito, facto que o torna ainda mais vulnerável aos mecanismos de controlo da comunidade/sociedade.

Importa lembrar, a este propósito, que instituições comunitárias como a Igreja, um partido político, uma associação ou clube social, o clube de futebol, etc, funcionam como um espelho doutrinário ou ideológico, onde o sujeito vê uma imagem gestaltiana de um corpo com o qual se identifica, por ser composto por sujeitos que se assemelham a si próprio, concitando-o a anular-se voluntariamente, para poder participar da força que inere ao Todo, seja Deus, a Nação, ou outros grupos/ corpos colectivos. O grupo transforma-se assim numa espécie de Éden, um espaço quase transcendental, onde o sujeito sente que está em segurança (Hinshelwood 74).

A construção do espaço subjetivo de Babbitt está, pois, simbiótica e indelevelmente subordinada ao espaço social de Zenith, pelo que, quando do fecho da narrativa, o leitor conclui que a Babbitt apenas lhe resta projetar sobre o seu filho Ted os desejos que um espaço social onipotente sempre o obrigaria a sublimar: “I’ve never done a single thing I’ve wanted to in my whole life [...] Well, those folks in there will try to bully you and tame you down... Tell ‘em to go to the devil! [...]. Don’t be scared of the family. No, nor all of Zenith. Nor of yourself, the way I’ve been. Go ahead, old man! The world is yours!” (*Babbitt* 319).